

O "PROBLEMA COLOMBINO" RESOLVIDO (*)

Impressionados pela enorme vultuosidade da chamada bibliografia Colombina e pelo alto prestígio de vários autores nela incluídos, admiram-se alguns comentaristas que ainda haja quem ouse contrapor o navegador português *Salvador Frz (Xpo Ferens)* ao "lanério" genovês *Cristóforo Colombo*.

Tal ousadia, porém, é a legítima exteriorização do sentimento de justiça a que, forçosamente, nos leva o estudo minucioso e imparcial do chamado *problema Colombino*.

Ao compulsar as fontes históricas de mais confiança, logo se nos deparam os tópicos biográficos patentes em alguns escritos do próprio navegador e nos livros de Fernando Colon e de Bartolomeu de Las Casas. Não há mais que articular êsses tópicos, dissociando-os de nevoentas concomitâncias, para se ter presente a verdadeira personalidade do misterioso nauta, distinta em todos os aspectos da que poderia haver sido a do tal Cristóforo Colombo.

As restantes particularidades do "problema" encontrar-se-ão no lógico e natural correlacionamento de pessoas, acontecimentos e datas. Foi assim que conseguimos apurar quem foi a mãe verdadeira de Cristóbal Colon (Salvador Fernandez) e é assim que vamos esclarecer todo o quadro familiar em que êste navegador se criou e educou.

Depois de se ler êste nosso modesto estudo, que é um complemento de outros já por nós publicados em Portugal, poder-se-á reconstituir a inteira biografia do navegador, partindo das seguintes premissas:

Cristóbal Colon nasceu dos amores clandestinos do infante D. Fernando, irmão de D. Afonso V de Portugal, com Dona Isabel de Noronha, uma das filhas do segundo capitão-donatário do Funchal, João Gonçalves da Câmara. Por motivos que adiante se dirão, Dona Isabel de Noronha foi mandada para Gênova em 1456 e ali, na noite de Natal do mesmo ano, deu à luz aquêle filho. Esta senhora, que descendia, por sua mãe, de D. Fernando I de Portugal e de Henrique II de Castela, era bisneta, pelo lado paterno, de Dona Cecília Colonna, da nobilíssima família romana dos Colonnas.

(*) — Por deficiência de material tipográfico deixou de ser grafado, como no original, com um traço sôbre as letras *rz* e *po* o nome *Frz (Xpo Ferens)* em algumas passagens (*Nota da Redação*).

Um dos parentes dispersos desta illustre família dos Colonas era o famoso almirante de Luiz XI de França, Guillaume Casenove, a quem os franceses chamavam *Coullon*, os castelhanos *Colon* e os italianos *Colombo*. Parente, portanto, de Dona Isabel de Noronha, com ela se encontrou Casenove em Gênova por volta de 1458 — quando esta República se submetera ao domínio francês — e com ela ali se casou. Cristóbal Colon era, pois, enteado do mesmo Casenove e foi também seu discípulo tanto na arte de navegar como na da guerra naval.

Em agôsto de 1476, quando *uma esquadra franco-portuguêsa* do comando de Guillaume Casenove e do português Pedro de Ataíde travou combate, nas águas do Cabo de São Vicente, com um grupo de quatro navios genoveses e um borguinhão que se dirigia aos portos flamengos da Borgonha, foi o jovem enteado de *Coullon* aquinhoado com a perda do seu navio, o qual se incendiou aferrado a um dos barcos genoveses seus contendores. Salvo e recolhido em terra português, nesta começou então um novo período da sua vida, aquêlê em que, casando com a nobilíssima Dona Filipa Moniz, Cristóbal Colon constituiu família própria e passou a servir D. João II de Portugal, que era seu primo co-irmão.

E dito isto, passemos a ponderar os esteios da nossa razão, aquêles cujo alcance e firmeza não nos foi dado discernir ou avaliar em estudos anteriores.

Em algumas das nossas anteriores dissertações Coloninas temos aludido ao caráter criptográfico do livro em que Fernando Colon nos apresenta a biografia de seu pai. Com aquilo que, neste livro, parece incongruente ou contraditório, disfarça Fernando Colon as mais elucidativas e concludentes particularidades biográficas do seu progenitor.

O passo que a seguir se transcreve é um exemplo de inconseqüência artificiosa mas precária. Vejamos:

“Pro auctore, sive pictore:

“Janua, cui patria est, nomen cui Bartholomaeus Columbus de Terra Rubra, opus edidit istud londonijs anno Domini M.CCCC.LXXX, atque insuper anno octavo, decimaque die cum tertia mensis Februarii.

“Laudes Christo cantentur abunde.

“Y porque advertirá alguno que dice Columbus de Terra Rubra, digo que igualmente lo vi yo en algunas firmas del Almirante, antes de que adquiriese estado, donde se firmaba Columbus de Terra Rubra”.

Vejamos agora como Bartolomeu de Las Casas se refere a Bartolomeu Colon e ao mapa em que êste se subscreve com o latim daquela inscrição:

“Considerando que, si los reyes de Castilla no aceptasen su negociación, no le fuese necesario gastar mucha

parte de su vida en buscar señores que le diesen el favor y ayuda que había menester, juntamente con pasarse a Castilla, determinó que fuese al rey de Inglaterra, con la misma demanda y le propusiese la misma empresa un hermano suyo, que se llamaba Bartolomé Colón. Este era hombre muy prudente y muy esforzado y más recatado y astuto, a lo que parecía, y de menos simplicidad que Cristóbal Colón; latino y muy entendido en todas las cosas de hombres, señaladamente sabio y experimentado en las cosas de la mar, y creo que no mucho menos docto en cosmografía y lo a ella tocante, y en hacer o pintar cartas de navegar y esferas y otros instrumentos de aquella arte, que su hermano, y presumo que en algunas cosas destas le excedía, puesto que por ventura las hobiese dél aprendido. Era más alto que mediano de cuerpo, tenía autorizada y honrosa persona, aunque no tanto como el Almirante. Este se partió para Inglaterra, y en el camino quiso Dios a él también tentarle y ejercitarle, por que no faltase a este tan arduo y nuevo negocio toda manera de contradicción, porque hobo de caer en poder de ladrones corsarios de la mar, de nación esterlines; no sé qué nación fueron. Esto fué causa que enfermase y viniese a mucha pobreza, y estuviese mucho tiempo sin poder llegar a Inglaterra, hasta tanto que quiso Dios sanarle; y reformado algo, por su industria y trabajos de sus manos, haciendo cartas de marear, llegó a Inglaterra, y, pasados un día y otros, hobo de alcanzar que le oyese Enrique, VII deste nombre, al cual informó del negocio a que venía. Y para más aficionarle a la audiencia e inteligencia dél, presentóle un mapamundi que llevaba muy bien hecho, donde iban pintadas las tierras que pensaba con su hermano descubrir, en el cual iban unos versos en latín, que él mismo, *según dice*, había compuesto, *los cuales hallé escriptos de muy mala e corrupta letra y sin ortografía, y parte de ellos que no pude leer*; [y, finalmente, más por ser de aquellos tiempos] y de tales personas y de tal materia, que por su elegancia y perfección, quise aquí poner:

*"Terrarum quicumque cupis atque aequoris oras
Noscere, cuncta decens haec te pictura docebit.
Quam probat et Strabo, Ptolomaeus, Plinius atque
Isidorus, non una tamen sententia quaeis est.*

*"Hic etiam nuper sulcata carinis:
Hispania zona illa prius incognita genti
Torrida: quae tandem nunc est notissima multis.*

"Et infra:

*"Pro authore seu pictore.
"Genua cui patria est, nomen cui Bartholomaeus
Columbus de Terra rubea: opus edidit istud
Londonijs: anno domini millesimo quatercentesimo
octiesque uno
Atque insuper anno octavo: decimaque die mensis
Februarii.
Laudes Christo cantentur abunde.*

“Quieren decir los primeros, para los que no entienden latin: El que quisiere saber las orillas o riberas de la tierra y de la mar, todo lo enseña esta presente pintura, la cual aprueban Strabón, Ptolomeu, Plinio y Sant Isidoro, aunque por diversa manera. De los versos que siguen, lo que contienen es: Que aquel que con navíos habia otros tiempos arado la ribera de España, cuasi prenunciando o profetizando dice que ha de hacer que la tórrida zona, que solía ser tenida por inhabitable y por esta causa no era conocida, que, mostrando por experiencia el contrario, sea notissima a muchos. El autor de aquella pintura dice ser de patria ginovés, y que tiene por nombre Bartolomé Colón de Terra Rubia; hizo la obra en Londres, año de 1488, a 10 del mes de febrero: alabanzas se canten a Cristo en mucha abundancia” (1).

Ora aquela *muy maía e corrupta letra*, “em parte ilegível” era, com certeza, uma habilidade do próprio Fernando Colon para fazer desconfiar os curiosos a quem o mapa fôsse patente. Para mais, a sua precipitada declaração é contrariada por êste fato irrefutável: em 20 de março de 1488 escrevia o nosso D. João II ao pai do mesmíssimo Fernando Colon e chamava-lhe “nosso especial amigo *Xpoval Colon*”, nome que corresponde às assinaturas grafadas pelo Almirante em muitos dos seus autógrafos até hoje conservados.

Nós admitimos que Cristóbal Colon tivesse firmado alguns dos seus mais antigos escritos com o nome *Columbus de Terra Rubra*, mas esta assinatura, tal como as outras que dêle se conhecem, só serviu para ocultar a sua verdadeira identidade. Os italianos chamavam-lhe *Colombo* desde o tempo em que, com Casanova Coullon, servira o rei Luiz XI de França, e não seria aos mesmos italianos ou a quaisquer outras pessoas de igual pensar, que o navegador iria dizer quem era.

Estamos plenamente convencidos de que *Bartolomeu* não era o verdadeiro nome do segundo filho de Dona Isabel de Noronha, tal como *Cristóbal* não era o do primeiro. O constante empenho de Cristóbal Colon em ocultar a sua verdadeira identidade é um fato reconhecido e declarado por todos os que se debruçam sobre o chamado *problema Colombino*. Como admitir, pois, que o próprio Almirante e um dos seus irmãos faltassem, sequer uma vez, ao que, entre êles, era propósito firme e combinado?

O nome de Bartolomeu, usado pelo irmão de Cristóbal Colon, parece-nos tão falso como o apelido *Columbus de Terra Rubra*. Chamados *Colombos* pelos italianos, tanto Bartolomeu como Cristóbal se poderiam ter assinado alguma vez com aquêles enganador apelido, o qual não corresponde de nenhum modo ao que o Almirante se atribuía no seu conhecido testamento de 1497-1498.

(1). — *Historia de las Indias*, edição cômpar do manuscrito autógráfo de Las Casas, México, 1951, tomo I, liv. I, cap. XXIX, págs. 153-154.

Colon pode tomar-se como derivante apocópica de *Colono* ou de *Colonna*, mas não de *Colombo*.

E' isto o que, aliás, testifica o mesmo Fernando Colon quando nos diz que seu pai *limó el vocablo Colombo* — apelido posto — e o transformou em *Colon para que tuviese conformidad con el antiguo*.

Qual era, pois, o antigo? — A esta questão respondem três documentos de autenticidade irrefragável: o Passaporte Real “redigido em latim” e levado por Cristóbal Colon na sua primeira viagem às “Índias”, e as duas Bulas *Inter coetera*, pelas quais o Papa Alexandre VI sancionou a soberania dos Reis Católicos sobre as ilhas e terras ocidentais descobertas e por descobrir. Nestes documentos figura o nome do navegador como *Xpoforum colon* e *Cristoforū Colon*, o que não se daria se o apelido *Colon* tivesse correspondência nos vocábulos latinos *Columbus* ou *Colonus*. Não a tendo, só nos resta concluir que o apelido autêntico dos dois irmãos navegadores não era *Colombo* nem *Colono*, mas sim *Colonna*, porque *Colon*, como derivante apocópica de *Colonna*, torna-se uma expressão abstrata e comum a tôdas as línguas.

Assim se prova a improcedência do apelido *Columbus de Terra Rubra* e, provado isto, há que recusar a declaração expressa no mapa referido como enganosa sofisticação.

Qual seria, então, o verdadeiro nome do segundo filho de Dona Isabel de Noronha? — Não seria Bartolomeu Colon um dos dois indistintos rapazes que navegaram com Casenove Coullon e justamente aquêle a que se dava o nome de *João* e que até era tido como filho do famoso corsário francês?

Se assim é, quedaria justificado o afável acolhimento dispensado ao mesmo Bartolomeu Colon, na côrte francesa, pela infante Ana de Beaujeu e pelo rei Carlos VIII, o qual, segundo Las Casas, quando teve notícia do descobrimento das “Índias” de Castela, o presenteou com 100 escudos para que pudesse juntar-se rapidamente a seu irmão Cristóbal.

“Atestiguan la estancia de Bartolomé en Francia un documento publicado por Estaquio de Navarrete y textos escritos, aunque en edad tardía, pero que parecen recoger la tradición. Llegaba Bartolomé Colón [a França] cuando regia el gobierno francés Ana de Beaujeu, la hija de Luis XI, encargada del poder durante la minoridad de su hermano Carlos VIII. Con ambos trató Bartolomé Colón. En el manuscrito publicado por Navarrete se dice “que viviendo con Madama de Borbón, el Almirante, su hermano, le escribió que viniese a servir a V. A.” (2).

Esta Alteza, a que se refere o documento aqui citado, era a rainha Isabel “a Católica”. Bartolomeu Colon fôra à Inglaterra e

(2). — A. Ballesteros Beretta, *Cristóbal Colón y el Descubrimiento de América*, Barcelona, 1945, vol. I, cap V, pág. 482.

à França para obter dos respectivos monarcas a declaração de que estavam resolvidos a patrocinar a emprêsa de descobrimento projetada por Cristóbal Colon. A indecisão da Rainha de Castela, neste particular, obrigava o futuro Almirante a valer-se de tais expedientes para a demover; por isso, se dirigira Bartolomeu aos soberanos com quem o nosso D. João II se mantinha em aliança e em cordiais relações.

Para que se possa formar um razoável juízo dos antecedentes de Cristóbal e Bartolomeu Colon, transcrevemos, a seguir, um interessante passo do livro do historiógrafo peruano Luis Ulloa, intitulado *El Pré-Descubrimiento Hispano-Catalan de América em 1477*, que recentemente adquirimos:

“Alguns testimonios de origen francés é italianos revelan, en efecto, que Casenove tuvo cuando menos un pariente, llamado *Juan*, marino como él. Precisamente, fué una confusión con este *Juan* la que dió lugar al errado calificativo de *Colombo el Joven*, que, sin otra base, se aplicó un momento en Venecia al griego *Bissipat*, de donde lo copiaron ciertos cronistas venecianos. La erudita *Histoire généalogique et chronologique de la Maison de France*, libro bien reputado, habla de un *Juan de Casenove, hijo de Guillermo*, y además de otro *Juan, sobrino, también corsario, al cual intitula igualmente de Vice-Almirante*. Es posible que haya aquí simple duplicación de nombres. Pero, por lo menos, existió un *Juan*. Cuando en 1485, *Jorge Bissipat el Griego*, todavia poco conocido, atacó unas galeras venecianas cerca del Cabo San Vicente en Portugal, el Senado de Venecia, mal informado en un principio, incurrió, al elevar a Carlos VIII su primera protesta contra ese atentado, en el siguiente curioso *quid pro quo*. Supuso, vista la diversidad de los nombres señalados en los informes por él recibidos, que los asaltantes eran dos: uno, *el hijo de Casenove-Coullon*, y otro un *Juan el Griego*. Después, con mayores datos, corrigió su error: redujo los asaltantes á uno solo (esto es, el jefe del asalto) y reconoció que este era *Jorge el Griego* (*Bissipat*). Pero la duplicación de nombres persistió en los cronistas.

“Estas informaciones, entremezcladas de errores, prueban de todos modos varias cosas: una de ellas, la existencia de un corsario *Juan*, pariente de *Casenove-Coullon*; otra, la existencia de un corsario á quien denominaban en Italia *Colombo el Joven*, y al mismo que se confundió en Venecia con *Bissipat*, sin duda porque aquel había sido antes más conocido ó renombrado que el ultimo; una tercera, en fin, la identidad de dicho *Juan* y de *Colombo el Joven*, pues de otra manera no se explicaría este dictado, aplicable sólo á un pariente ó homónimo de *Casenove-Coullon* y más joven que éste. Así se comprende, por la anterior existencia del corsario *Juan*, por su parentesco con *Casenove*, y por su mayor antiguo renombre que el de *Bissipat*, la primera impresión del Senado veneciano; suponer á *Jorge el Griego* mero acompañante del *Joven Colombo*. Vignaud mismo, á pesar de su empeño de negar á Colon todo parentesco con Case-

nove, reconhece que hubo en Venecia esa confusión, y que pudo existir un corsario pariente de Casenove, aunque tal pariente no fuese, como efectivamente no lo fué, el autor del ataque á las galeras venecianas: en 1485 hacia nueve años que Colon, el verdadero *Colombo el Joven*, habia dejado el corso" (3).

Por nossa parte, julgamos as coisas passadas doutro modo: Cristóbal e Bartolomeu Colon andaram ambos embarcados com Guillaume Casenove. O mais velho, *Salvador*, conhecido sob a designação de *Coullon o Jovem*, é o que teve o seu navio afundado no combate de 1476, contra os genoveses, e o que se domiciliou em Portugal a partir de tal ocasião; o mais novo, *João*, continuou a navegar com Casenove Coullon e por isso veio a ser tomado por *Coullon o Jovem*, sendo a êle que o Senado de Veneza começou por atribuir o ataque, nas proximidades do Cabo de São Vicente, contra quatro navios venezianos que regressavam da Flandres, mas reconhecendo, depois, haver sido Jorge Bissipat o atacante.

Êste nosso juízo tem plena confirmação nos dados em análise, pois, se houve um moço parente e outro filho de Casenove Coullon, os dois moços eram parentes entre si. Primos? — Se Cristóbal Colon andou embarcado com Casenove e se era êle o célebre *Coullon o Jovem*, como está averiguado, torna-se perfeitamente intuitivo que o moço *João*, filho de Casenove, não pode ser outro senão o próprio Bartolomeu Colon. Em 1485, quando Jorge Bissipat atacou e aprisionou quatro navios venezianos nas águas do Cabo de São Vicente, já os Coullons haviam cessado ou abandonado as suas atividades de corsários, visto que Casenove falecera em 1483 e posto que a referência do Senado de Veneza a *Colombo o Jovem* se baseava numa suposição contestável, e tão contestável que o referido Senado se apressou a retificar o protesto por êle apresentado na côrte francesa.

Aqui só uma conclusão se nos oferece: Guillaume Casenove ou Casenove Coullon, parente de Cristóbal e pai de Bartolomeu Colon, era casado com Dona Isabel de Noronha, mãe dos mesmos rapazes.

Nesta conformidade, e sabendo-se que Casenove Coullon faleceu em 1483, pode-se ter como certo que D. Isabel de Noronha voltou para Portugal após tal acontecimento, fazendo-se acompanhar dos dois filhos (João e Diogo) que tivera de Casenove. Os fatos são êstes e não outros, pois, segundo *Fernando Colon, seu pai estabeleceu-se em Portugal antes do irmão Bartolomeu*.

A verdade, assim patenteada, não teme objeções de nenhuma espécie. Não esqueçamos que, se Cristóbal e Bartolomeu Colon nasceram em Gênova, um em 1456 e outro em 1460 ou 1461,

(3). — Luis Ulloa, *El Pré-Descubrimiento Hispano-Catalan de América em 1477*, Paris, 1928, págs. 281-282.

os franceses, desde 1458, dominavam ali como senhores, pois só em 1461 os genoveses se libertaram dêsse domínio.

Assim se discerne a razão mais plausível e aceitável por que Cristóbal Colon não sabia falar nem escrever italiano. Saído de Gênova em 1461, quando tinha cêrca de cinco anos de idade, a sua educação, até aos catorze anos, ter-se-ia feito algures em França e não em nenhuma terra da Ligúria.

O apuramento das principais particularidades da vida de D. Isabel de Noronha, se alguma vez se fizer, como esperamos, dar-nos-á, com certeza, a plena confirmação do que aqui fica exposto. Mas desde já nos parece poder explicar a razão por que o segundo filho de D. Isabel de Noronha trocou o nome de João pelo de Bartolomeu.

Las Casas mostra-se firmemente convencido de que Bartolomeu Colon acompanhou Bartolomeu Dias na viagem em que êste descobriu o Cabo da Boa Esperança. Por outra parte, sabemos que o capitão de uma das duas caravelas com que Dias voltou ao Reino era um *João Infante* — “cavaleiro”, segundo João de Barros (autor das *Décadas da Ásia*), e “estrangeiro”, segundo Gaspar Correia (autor das *Lendas da Índia*).

Ora João Infante, cujo prestígio se abona com o nome de *Infante* dado a um cabo e a um rio da costa sud-oriental de África, nunca mais figurou em outra viagem portuguesa. Depois do descobrimento do Cabo da Boa Esperança, os nossos cronistas chamam o nome dêste prestigioso companheiro de Dias; só Gaspar Correia o dá por falecido quando dirigia a construção de “três navios pequenos, grossos e fortes” com que deveria montar o Cabo entrevisto mas não alcançado na viagem anterior!!

Não será Bartolomeu Colon o mesmo João Infante “estrangeiro”? — Não poderia êste haver adotado, posteriormente, o nome do chefe da flotilha com quem ultrapassou e descobriu o temeroso finisteira africano?

A declaração de Bartolomeu Colon no mapa que teria mostrado a Henrique VII de Inglaterra apresentava sinais de haver sido interpolada. Las Casas sugere-nos esta conclusão quando diz que estava redigida em *mala e corrupta letra*, e até ilegível em parte. Em 10 de fevereiro de 1488, estaria Bartolomeu Colon algures na costa sud-oriental de África e não na côrte de Inglaterra, porque ainda que Dias tivesse chegado a Lisboa em dezembro de 1487, como diz João de Barros e Las Casas acredita, é evidente que, com tôdas as peripécias em que o mesmo Bartolomeu Colon se viu envolvido antes de chegar à côrte inglesa, não podia estar em Londres naquela data.

Quanto à nota inscrita na margem de uma das páginas do exemplar da *Imago Mundi* que pertenceu a Cristóbal Colon, na qual se trata do regresso de Bartolomeu Dias a Lisboa com a notícia do descobrimento do Cabo da Boa Esperança, uns atribuem-

na ao punho de Bartolomeu Colon, e outros ao de seu irmão Cristóbal. Nós estamos com as duas partes, porque julgamos que tal nota se deve levar à conta dos dois irmãos: a um, por ter feito a viagem; e ao outro por se encontrar em Lisboa nessa ocasião e por haver assistido à entrevista, ou entrevistas, em que Bartolomeu Dias inteirou D. João II da extensão e alcance do seu descobrimento.

Las Casas ocupa-se da nota referida nos seguintes termos:

“Estas son palabras escritas de la mano de Bartolomé Colón, *no sé si las escribió de si o de su letra por su hermano Cristóbal Colón*, [la letra yo la conosco ser de Bartolomé Colón, porque tuve muchas suyas]. Algún mal latín parece que hay [e todo lo es malo], pero póngolo a la letra como lo hallé de la dicha mano escrita. Dice así: “Que el año de 488, por diciembre, llegó a Lisboa Bartolomé Díaz, capitán de tres carabelas, que el rey de Portugal envió a descubrir la Guinea, y trujo relación que habían descubierto 600 leguas, 450 al austro y 150 al Norte, hasta un cabo que se puso de Buena Esperanza, y que por el astrolabio se hallaron dese Cabo de la equinoccial 45°, el cual cabo dista de Lisboa 3.100 leguas, las cuales diz que contó el dicho capitán de legua en legua, puesto en una carta de navegación, que presentó al rey de Portugal: *en todas las cuales, dice, yo me hallé*”. Por manera que o él o su hermano, el Almirante D. Cristóbal Colón, que fué después, o ambos a dos, se hallaron en el descubrimiento del cabo de Buena Esperanza” (4).

Ora Las Casas, em outro passo do seu mesmo livro, acaba por alegar a impossibilidade de Cristóbal Colon ter acompanhado Bartolomeu Dias, mas mantem-se convicto de que Bartolomeu Colon participou de tal viagem. Não avança outras razões em prol da sua convicção, é certo, mas isso não quer dizer que as não tivesse.

Bartolomeu Colon era um navegador *señaladamente sabio y experimentado en las cosas de la mar*. Se êle acompanhou Bartolomeu Dias na viagem em que êste descobriu o Cabo da Boa Esperança, como temos por certo, o seu nome não era então outro senão o de *João Infante*.

A êste navegador dedicou o ilustre historiógrafo Frazão de Vasconcelos, as seguintes considerações (5):

“Sousa Viterbo refere-se nos seus trabalhos náuticos a Bartolomeu Dias, com muitos e interessantes subsidios até então inéditos, esclarecendo cabalmente dúvidas que sôbre a biografia do ilustre marinheiro ressaltavam do estudo de Henrique Lopes de Mendonça a respeito do piloto Pero de Alenquer, mas de João Infante nada diz.

(4). — *Historia de las Indias*, tomo I, liv. I, cap. XXVII, págs. 146-147.

(5). — *Arquivo Histórico de Marinha*, vol. I, Lisboa, 1933, págs. 151-152.

“Ora, nós lemos algures que para a apoteose de Bartolomeu Dias alguma coisa falta, parecendo-nos mesmo que, não obstante as referências de alguns autores quincentistas e as investigações de historiôgrafos modernos, o papel de Bartolomeu Dias na primeira passagem do Cabo da Boa Esperança não está devidamente esclarecido. Não se tem ligado importância alguma ao cap. II do vol. I das *Lendas da Índia*. Por que? Aquêlê “Janinfante homem estrangeiro” de que fala Gaspar Correia não foi um mito, e é preciso não esquecer que o autor das *Lendas* é o nosso mais antigo historiador da Índia, que foi para lá 15 anos após o descobrimento do caminho marítimo, e as condições em que serviu e trabalhou para a sua obra. Engana-se Gaspar Correia em chamar estrangeiro a Janinfante, mas isso não prova que o resto não esteja certo. João Infante era português e filho de Nuno Tristão. E’ para ponderar o que geralmente dizem os nobiliários manuscritos. Leia-se, por exemplo, Manso Lima:

“João Infante, filho dêste Nuno Tristão criou-se na casa do Infante D. Henrique pelo que parece se lhe deu o apelido de Infante que continuou em seus descendentes como neste titulo se verá. Herdou de seu pay o ser valerozo e a inclinaçam a novos descobrimentos oferecendo-se para a este fim a El Rey D. Joam o 2.º que o mandou por capitam de hum navio que acompanhado de dous mais passou 120 legoas adiante das terras até ali descubertas, e na Serra parda arvorou com seus companheiros huma Cruz na altura de 24 graos descobriu 25 legoas adiante o rio do Infante a que poz este nome por ser elle o primeiro que o avistou e voltando ao Reyno descobriu o Cabo (a que poz o nome) tromentozo, pella grande tormenta que alli teve ao qual el Rey Joam o 2.º poz outro nome que he o de Cabo da boa esperansa pelo que felizmente prometia do descobrim.to e navegaçam da India...”

Mas estará certo tudo isto? — Ter-se-ia Gaspar Correia realmente enganado ao chamar estrangeiro a Janinfante? — Correia, cuja idade abrangeu alguns anos da vida de Bartolomeu Dias, não era o único português a chamar estrangeiro a Janinfante, pois as *Lendas* — tenhamos isto presente — repercutem dizeres então correntes entre os portugueses da Índia.

Segundo Manso Lima (6), João Infante foi pai de um Nuno Infante, cavaleiro, que participou na conquista da Arzila em 1471. À primeira vista nada de absurdo se notará nesta informação biográfica, mas ela denuncia a confusão em que, por virtude de dois nomes idênticos, se embrulharam dois homens diferentes.

Admitindo que Nuno Infante contasse um mínimo de 18 anos de idade na ocasião da tomada de Arzila, haveria nascido em 1453; e admitindo também que a idade de João Infante não superasse

(6). — *Famílias do Reyno de Portugal*, F. G. dos Mss. n.º 1281 da Biblioteca Nacional de Lisboa, Vol. H-I.

a do filho em mais de 20 anos, teria êste navegador *um mínimo* de 55 anos de idade em dezembro de 1488, quando regressou com Bartolomeu Dias da viagem em que atingiram o *rio do Infante*.

Êstes números obrigam-nos a concluir que o companheiro de Dias não era o pai de Nuno Infante, pois, atribuindo a Bartolomeu Dias idade igual à de João Infante, teríamos de dar ao mesmo Dias a idade excessiva e inadmissível de 67 anos quando, em 1500, seguiu como capitão de um dos navios da frota de Pedro Álvares Cabral para estabelecer o primeiro trato com o gentio de Sofala.

Sobre a filiação do *navegador* João Infante nada de fidedigno existe nos nobiliários. Assim como então havia mais de um indivíduo com o nome de Bartolomeu Dias, também haveria vários outros com o apelido de Infante, e, sendo esta uma circunstância verificada, justifica-se perfeitamente a confusão antes referida.

E' o mesmo historiógrafo Frazão de Vasconcelos (7) quem nos ajuda a firmar em tal asserto, pois dêle são também os seguintes comentários:

“Tem-se feito grande confusão com êste Infante, chamando-se ora Pero, ora João, ora Lopo ao companheiro de Bartolomeu Dias, e atribuindo-se a êste as honras do feito, isto é, de ter aberto ao Gama as portas da Índias... Mas terá sido assim?”

.....
“Bem sabemos que o que diz Gaspar Correia não foi desconhecido dos que dêste assunto se têm ocupado, mas não é só Gaspar Correia que há a considerar. Alguns pormenores merecem ser cuidadosamente estudados para o apuramento da verdade. Que alguém, com a competência que nós não possuímos, se dê a êste trabalho.

“Sobre os Infantes muito há também a averiguar. O sr. Afonso de Dornelas, erudito investigador, que, em especial, se tem consagrado à genealogia, publicou há anos um estudo muito interessante a respeito dos Infantes, mas entre os que o ilustre acadêmico menciona não vem referido um *Joham Infante*, morador em Salvaterra em 1440 (Tôrre do Tombo, chancelaria de Rey D. Afonso V, L.º 20, fl. 28). Este é pouco provável que seja o *Janinfante* de Gaspar Correia, mas não deixa de ser curiosa a existência, já então, do apelido Infante”.

Como se vê, não é de admitir o que Manso Lima nos diz sobre a filiação do companheiro de Dias. Numa coisa, porém, podemos assentar: *Infante* não era, para o navegador em questão, um apelido de família mas sim uma alcunha; e, diferentemente do que se lê no nobiliário de Manso Lima, a razão de ser desta alcunha pode filiar-se na suposição contemporânea de que fôsse o infante D. Fernando o pai do segundo filho de Dona Isabel de Noronha, tal

(7). — *Ibidem*, págs. 152-153.

como o era do primeiro. *Infante* não traduz o apelido genuino do parceiro de Bartolomeu Dias, mas pode e deve significar que o mesmo navegador era tido, por algumas pessoas, como nascido dos amores do infante D. Fernando com aquela filha de João Gonçalves da Câmara.

Um navegador de alto prestígio, como era Janinfante, figuraria, certamente, na viagem de Gama ou na de Álvares Cabral se outra incumbência não lhe tivesse sido confiada. Gaspar Correia dá-o por falecido quando dirigia a construção de “três navios pequenos, grossos e fortes” com que devia repetir uma anterior e falhada tentativa de descobrimento do Cabo tormentoso, mas, diferentemente do que sucede com o filho que lhe é atribuído, jamais em nenhum nobiliário, crônica ou documento se pôde encontrar a data da sua morte ou o local da sua sepultura.

Quanto ao “Joham Infante morador em Salvaterra em 1440”, é provável que seja êle o pai de Nuno Infante. Ambos seriam ribatejanos, visto que o segundo foi sepultado “na capela-mor da parochial de Santa Cruz”, em Santarém. Mas o que, em qualquer caso, se pode ter como certo, é que êste Joham Infante não foi companheiro de Bartolomeu Dias, pois um homem com mais de vinte anos de idade em 1440 teria ultrapassado os 68 na ocasião em que se descobriu o Cabo da Boa Esperança.

Há, portanto, aqui dois homens diferentes com nomes idênticos. O mais velho não é figura histórica e, por isso, não admira que dêle se desconheça a última jazida; mas o mais novo é o navegador glorioso que desaparece repentina e misteriosamente depois de ter ligado o seu nome a um dos feitos mais transcendentais da História!...

Tudo isto, porém, se explica com esta eloqüente coincidência: desaparecido Janinfante do cenário português dos Descobrimentos, surgia algures em Castela e em companhia de seu irmão mais velho, o navegador Bartolomeu Colon, em cujas veias circulava sangue de Reis e cujo nome de batismo era João.

Só depois de uma preliminar estância em Espanha teria Bartolomeu Colon visitado as côrtes de Inglaterra e França, visto que depondo como testemunha de seu sobrinho Diogo Colon, no pleito por êste movido contra a corôa de Castela, declarou: “*este testigo andovo con el dicho Almirante don Cristóbal Colon solicitando con el Rey e la Reina nuestros señores*”.

E’ bem evidente que esta associação de Cristóbal e Bartolomeu Colon só seria possível após 1488, porque, o segundo, notado, por Las Casas, como companheiro de Bartolomeu Dias, ainda estava em Lisboa no fim do ano referido. De resto, não há testemunho ou indício da presença de Bartolomeu Colon em Espanha antes de 1489, e, para os vários cronistas das “Índias”, êle só ali apareceu, vindo da côrte de França, ao findar o ano de 1493.

Outro ponto em que não pode haver dúvida é o de que Bartolomeu Dias e Janinfante contavam muito menos de 55 anos de

idade em 1488. O alemão Martin Behaim, que se erigiu em capitão de uma das caravelas levadas por Diogo Cão na sua viagem de 1485-1486, nascera em 1455 e, portanto, completara 33 anos de idade no referido ano de 1488. Bartolomeu Colon, pretendo companheiro de Bartolomeu Dias, andava pelos 28 anos de idade no fim do mesmo ano. E Duarte Pacheco Pereira, navegador e roteirista insigne, autor do *Esmeraldo de situ orbis*, nascera em data posterior a 1450.

Viagens como as que realizaram Diogo Cão e Bartolomeu Dias requeriam o entusiasmo, a energia e a resistência de gente moça, e não seria a homens com mais de 50 anos que D. João II as confiaria. O próprio Rei nascera em 1455, contando, por conseguinte, 33 anos de idade em 1488. Se êle dispunha da capacidade de um Duarte Pacheco, teria, porventura, escolhido homens mais velhos do que êste para viagem tão árdua e fatigante como seria aquela em que se pretendia ultrapassar o finisterra africano?!...

A idade de Bartolomeu Colon é o padrão pelo qual se devem aferir as de Bartolomeu Dias e Janinfante. Procedendo assim e identificando Bartolomeu Colon com o parceiro de Dias, estamos dentro da mais coerente e racional hermenêutica.

Cristóbal Colon estava em Lisboa na ocasião em que Bartolomeu Dias e Janinfante regressaram da sua memorável viagem. Para que assim acontecesse, escrevera-lhe D. João II em 20 de março de 1488; e porque assim aconteceu, grafou Bartolomeu Colon uma nota de caráter confirmativo e dual num livro de seu irmão. Aqui temos, pois, a mais razoável justificação para as considerações emitidas por Las Casas antes de se fixar em que Cristóbal Colon, ao invés do irmão Bartolomeu, não participara naquela viagem.

*

Depois do que fica dito, não deixaremos de transcrever o seguinte passo do mencionado livro de Luís Ulloa:

“Pero no hay para que proseguir aquí en largas y menudas disquisiciones respecto al viaje de 1492, con el objecto de comprobar el pre-descubrimiento de Santo Domingo. Colom mismo nos lo ha confirmado, puede decirse, en su codicilo. Allí, en la cláusula ya citada, en que ordena á su hijo Diego la construcción de una capilla para tres capellanes que digan misas en honra de la Santa Trinidad y de la Concepción, se leen después estas palabras: “si esta (aquella construcción) puede ser en la Isla Española que Dios me dió milagrosamente, holgaria que fuese allí donde yo la invoqué, que es en la Vega que se dice de la Concepción”.

“Cuando dió Dios milagrosamente á Colom la isla de Santo Domingo? En vano busco en la historia, bien conocida, de esta isla desde 1492, un suceso que explique

aquellas palabras. No pueden aludir ellas al viaje de 1492. Entonces no halló Colom milagrosamente la isla; no fué siquiera ésta la primera que en esa ocasión visitó, sino la cuarta ó la quinta. Podría suponerse quizás que el Almirante se refiere más bien á la llamada batalla de la Concepción, librada con los indios en 1495. Hasta existe cierta leyenda que parecería, sin más análisis, abonar esta otra interpretación: la de la Cruz de la Vega, plantada por el Almirante sobre un alto cerro á cuyos pies se habría desarrollado el combate. Agrega la tradición, adoptada por ciertos cronistas, que, arrollados por la inmensa muchedumbre de indigenas, en ese cerro hubieron de refugiarse Colom y los suyos, casi perdidos. Un padre de la Merced, frai Juan Infante, tomó entonces la cruz en manos, como un estandarte, é invocando á Dios y exortando á los europeos, llevó á estos á la victoria.

“Si bien se examina esta tradición desfigura la verdad y entremescla hechos, y más bien ella es derivada de la manda del codicilo, que no la manda de lo que ella relata. No hubo, efectivamente, ningún P. Infante en la rememorada batalla, ni siquiera hubo algún Mercedario junto á Colom en esa época. Tampoco fué tan grande el peligro de los españoles, ni el combate se desarrolló como quiere la leyenda. La cruz, cuando se la retiró del cerro y antes de ser llevada á la ciudad de Santo Domingo, donde hasta hoy se la venera (si la que se conserva es la misma de la leyenda) no fué entregada á la Ordem de la Merced, sino á la de San Francisco. Cabe, pués, pensar que el fervor de los P. P. Mercedarios ha intervenido en la deformación tradicional de las cosas” (8).

Que comentários sugere êste passo do livro de Luís Ulloa? Pode-se contestar os vários assertos da tradição referida, mas não o fato de nela figurar um *Juan Infante* como elemento determinante da vitória dos castelhanos sobre os “índios” da *Espanhola*. Não havia então nenhum frade mercedário nesta ilha, mas nós sabemos que um dos mais ativos obreiros de tal vitória foi Bartolomeu Colon. Êste podia, portanto, ser evocado sob o nome por que fôra conhecido em Portugal, já que, após o seu falecimento, foi sepultado no Convento de São Francisco da povoação de Santo Domingo e neste Convento também se recolheu a histórica “Cruz de la Vega”.

E’ bem natural que algum dos frades franciscanos presentes a êstes últimos acontecimentos soubesse quem era Bartolomeu Colon e que, sabendo-o, tivesse dado origem à tradição aqui comentada. Pois não eram todos, franciscanos, os Reis, os príncipes e os navegadores portugueses da época dos Descobrimentos?! — Não eram franciscanos os irmãos Colons?! — Não tinham todos êstes homens os frades da Ordem de São Francisco de Assis como confidentes e mentores espirituais tácitamente afiliados à ação cristianizadora do movimento português dos Desco-

(8). — *Ob. cit.*, págs. 355-357.

brimentos?! — A não ser por obra posteriormente adulterada de algum frade franciscano de Santo Domingo, como poderia alguém inventar um *Juan Infante* e atribuir-lhe o papel de fautor principal da vitória de Cristóbal Colon sobre os “índios” revoltados da *Española*?!

Depois de tudo o que aqui fica exposto só caberá concluir que êste Juan Infante e Bartolomeu Colon seriam uma única pessoa, até porque, afora êste irmão do Almirante, não se descobre nenhum outro europeu então presente na ilha referida que tivesse sido conhecido pelo primeiro dos dois nomes.

*
* *
*

O problema que aqui nos ocupa, ficará agora definitivamente resolvido. Tardamos no estudo e na elaboração do presente texto porque, num caso como êste, não se acerta em tudo senão ao cabo de longa pesquisa e meditação. O mosaico em que se enquadra a vida de Colon tornou-se, alfim, harmonioso e coerente; nele encontra-se resposta lógica e justa para tudo quanto até hoje os defensores do mito Colombino têm negado, iludido ou sofismado, e principalmente para as sábias observações do eminente filólogo espanhol Ramon Menendez Pidal, no seu admirável estudo sobre *la lengua de Cristóbal Colón*.

Em nosso juízo, o egrégio português Cristóbal Colon nasceu em Gênova, como êle mesmo o declarou no seu testamento de 1497-1498, mais foi educado em França, por sua própria mãe, a partir dos cinco anos de idade e desde 1461. O português, o castelhano e o latim que êle falava ou escrevia, têm tôdas as características do linguajar de pessoa criada em qualquer país estrangeiro mas lecionada por professor português de cultura média, como seria a de Dona Isabel de Noronha.

Assim é que está certo, e não como suspeitava o sábio italiano Cesare de Lollis, que escreveu:

“Se puede afirmar (y estas no son sutilidades filológicas de que hagamos lujo) que el latín de Colon se resiente de muy cerca de la acción del español (o del portugués) para no abrir paso á la sospecha de que fué en la península ibérica donde abordó por primera vez la lengua de Cicerón” (9).

Foi em França e com sua mãe portuguêsã que Cristóbal Colon aprendeu o latim e o castelhano, porquanto as suas falhas, neste último idioma, eram sempre preenchidas por vocábulos portuguêsês, e o português era para êle o que é hoje para outras pessoas em idênticas circunstâncias — uma língua assimilada por indução auditiva e familiar em ambiente estrangeiro, com natural inadvertência dos seus idiotismos mais típicos.

(9). — Apud Luís Ulloa, *Op. cit.*, pág. 88.

Quem quer que haja tratado com gente nascida em França, de pais portugueses, terá notado os casos em que uns falam o português como Colon e outros melhor ou pior.

Por outro lado, temos o exemplo de alguns genoveses com mulher e filhos portugueses e com mais de vinte anos de residência permanente em Portugal que mal falam a nossa língua. Como sobrepor, pois, o Cristóforo Colombo plebeu, cardador e iletrado ao *nobilem virum* Cristóbal Colon, sabendo-se que a estadia de qualquer dêles em Portugal não pode exceder o espaço de nove anos entrecortados pela intermissão de viagens consecutivas e que, portanto e em tais circunstâncias, seria impossível ao primeiro isentar a sua fala ou escrita da influência do dialeto genovês ou da língua italiana?!

Para perseverar em êrro tão gritante seria necessário ignorar a sapiente argumentação de Ramon Menendez Pidal, a qual prova que o castelhano falado ou escrito por Cristóbal Colon era portuguesado e não genovizado ou italianizado.

Os Reis Católicos sabiam muito bem quem eram Cristóbal e Bartolomeu Colon, pois, ao contrário de outros espanhóis e *tal como quando se referiam a Guillaume Casenove*, sempre os apelidaram de *Colon*.

Com os nomes de Cristóbal e Bartolomeu despistavam, os dois navegadores, não os monarcas espanhóis, aliás seus parentes, mas todos aquêles que, em Castela, lhes contrariavam os intentos e que jamais deixariam de se lhes opor acrimoniosamente se, cientes da sua verdadeira identidade, os reconhecessem como dois antigos inimigos.

Os Reis de Castela, pelo seu lado, tinham todo o interêsse em calar o que sabiam sôbre a família e origem dos Colons, porque dever as *Índias* a quem se notabilizara como corsário ao serviço de Luiz XI de França e de Renato de Anjou, era circunstância assaz humilhante para o caráter altivo e brioso do povo castelhano.

Em registos oficiais do tempo dos Reis Católicos e referentes a um ou outro dos Colons, são êstes, por vêzes, mencionados como *estrangeiros*, mas, ao contrário do que era uso e costume, *nunca* — atende-se bem — *nunca*, em nenhum de tais registos, se lhes particulariza ou define a nacionalidade!

Ora se, em Espanha, tôda a gente tinha os Colons como genoveses, por que não confirmavam os Reis Católicos esta crença do seu povo?! — E' que, postas as coisas no pé que mais lhes convinha, não precisavam, os mesmos soberanos, de sancionar uma ilusão com uma falsidade.

*

Para quem pretenda estudar o chamado *problema Colombino*, é fonte imprescindível o livro em que Fernando Colon descreve a vida de seu pai. Há, porém, que atender à evidente fei-

ção criptográfica dos primeiros doze capítulos dêste livro e neles discernir os elementos que nos orientem em ulteriores averiguações e confrontos.

Se os referidos capítulos tivessem sido analisados alguma vez com vontade sincera de acertar, não haveria presentemente um *problema Colombino* a resolver. Bastaria atentar em que, filiado seu pai na família de Guillaume Casenove, Fernando Colon mostrava onde se podia buscar a explicação completa para as suas metáforas e reticências.

Casenove fôra tido, pelos seus contemporâneos, como tio e pai de dois moços sucessiva e indistintamente mencionados sob a designação de *Coullon o Jovem*, e um dêstes moços era, sem sombra de dúvida, o próprio Cristóbal Colon. Se deveras se tivesse querido identificar êste navegador, haveria que determinar a verdadeira ou falsa razão do que corria a respeito do seu parentesco com aquêle famoso corsário.

Um tal procedimento impunha-se como o mais racional e coerente, pois é grossa asneira pretender que seja Jorge Bissipat o verdadeira *Coullon o Jovem* só porque uma vez e quando já passavam dois anos sôbre o falecimento de Casenove, êle foi tomado pelo sobrinho ou pelo filho dêste velho Almirante francês.

Isto e nada mais do que isto, é o que patenteiam os testemunhos da época.

“Sabellico lo llama “*Columbus junior Columbi pyrate illustris, ut aiunt, nepos*”. Una crónica veneciana anónima dice: “*uno nevodo de Colombo*”. La crónica *Bemba* expressa: “*Colombo giovane nepote de quel famoso Colombo corsaro*”. Otros, como Zurita, escriben: “*un corsario francés, hijo del capitán Colon*”; Milipieri asegura: “*Colombo corsaro el zovene, fio de Colombo corsaro*”, y Cortesi: “*quello figliolo del Colombo*”. Hasta los *Se creti* del Senado véneto consignan “*filius Columbi*” (10).

E' que Cristóbal Colon, como enteado de Guillaume Casenove, servira, de fato, não só a Renato de Anjou mas também ao rei Luiz XI de França. A não ser assim, como poderia o mesmo navegador aconselhar os Reis Católicos sôbre as oportunidades em que melhor e mais seguramente, se deviam empreender viagens na costa francesa do Atlântico? — Vejamos o seguinte passo duma carta dirigida pelo navegador aos referidos monarcas:

“La gente del mar es cobdiziosa de dyneros y de volver a su casa, y todo lo aventuran syn esperar a ver quel tiempo sea firme. Cativo como estaba en cama, en otra tal ocasión dixé a Vuestras Alteças lo que pude de mayor seguridad desta navegación, que era después de ser el sol en Tauru, y renegar de fazer esta partida en la fuerza y más peligro de ynvierno. Sy los ventos ayudan

(10). — A. Ballesteros Beretta, *op. cit.*, vol. I, cap. III, pág. 225.

muy corto es el tránsito, y no se debe de partir hasta tener buena certeza del viaje; y de acá se puede judgar dello, pues quando se viere estar el çielo muy claro y salir el viento de la estrella de la tramontana y durar algunos días, syempre en aquella alegría. Saben bien Vuestras Alteças lo que acontezió el año de noventa y syete, quando estaban en Burgos em tal congoxa por [que] aquel tiempo perseveraba crudo y se suçedían los estirones, que de enfadados se yban a Soria; y partida toda la corte un sábadó quedaron Vuestras Altezas para partir lunes de mañana; y a un çierto propósito, en aquella noche, en un escripto mío que envié a Vuestras Alteças, dezía: *tal dia comenzó a ventar el viento; al otro día no partirá la flota, aguardando sy el viento se afirma; partirá el miércoles, y el jueves o viernes será tant avant como la isla de Huict, y syno se meten en ella, serán en Laredo el lunes que viene, o la razón de la marinería es toda perdida*. Este escripto mío, con el deseo de la venida de la Prinzeza, movió a Vuestras Alteças a mudar de propósito de no yr a Soria y espirmentar la opinión del marinero; y el lunes remaneszió sobre Laredo una nao que refusó de entrar en Huit, porque tenía pocos bastimentos” (11).

E’ demasiado evidente que juízos como êstes não podiam ser emitidos pelo cardador Cristóforo Colombo. Êles são próprios de um marinheiro experiente e familiarizado com a navegação das costas francesas do Atlântico.

A aprendizagem marítima de Cristóbal Colon fêz-se, pois, em navios franceses. Era êle o verdadeiro *Coullon o Jovem*, porque, apelidado como o velho Casenove, dêste se distinguia pelo contraste da sua juventude.

Os serviços prestados por Cristóbal Colon a Renato de Anjou alinham-se numa seqüência perfeitamente lógica e natural. Os *Coullons* exerceram a sua atividade marítima e guerreira no Atlântico e no Mediterrâneo, e se consideramos que, enquanto sob a égide francesa, a chefia do Govêrno de Gênova estava a cargo do citado Renato, que ali se fazia representar por seu filho João de Calábria, fácil será compreender como se teria proporcionado o casamento de Casenove Coullon com Dona Isabel de Noronha.

Nunca é demais citar o seguinte trecho duma carta de Cristóbal Colon aos Reis Católicos. Na versão castelhana, que possuímos, do livro de Fernando Colon (12), está êsse trecho redigido assim:

“A mi acaeció que el rey Reinel, que Dios tiene, me envió a Túnez, para prender la galeaza *Fernandina*, y estando ya sobre la isla de San Pedro, en Cerdeña, me dijo una saetia que estaban con la dicha galeaza dos naos y una carraca; por lo cual se alteró la gente que iba conmigo, y determinaron de no seguir el viaje, salvo de se

(11). — *Ibidem*, vol. II, cap. IV, págs. 509-510.

(12). — *Vida del Almirante Don Cristóbal Colón*. México, 1947, cap. IV, págs. 37-38.

volver a Marsella por otra nao y más gente. Yo, visto que no podía sin algún arte forzar su voluntad, otorgué su demanda, y mudando el cebo del aguja, di la vela al tiempo que anochecía, y, otro día, al salir del sol, estábamos dentro del cabo de Cartagena, teniendo todos ellos por ciotor que íbamos a Marselha”.

“Harrisse, Marckham, Vignaud y otros autores, particularmente el último de los nombrados, recusan esta narración, que tachan de exagerada ó fantástica. Vignaud la califica abiertamente de pura invención de Colon mismo.

“Sin embargo, por más que haya muchas adulteraciones en las *Historie*, no se alcanza á sospechar con que objeto se hubiese introducido una mentira en el presente caso. Da á entender Vignaud que no hay allí sino vanidad, y que lo que se ha buscado con tal relato es el realce de la competencia del Almirante como marino. Declara, en fin, que el hecho es físicamente imposible. Pero el mismo sistemático denigrador del gran navegante se encarga, á pesar suyo, de demostrar que el estratagema de que habla el fragmento de carta en cuestión era bien posible. Cita, en efecto, las opiniones de diversos marinos por él consultados sobre el asunto, y aunque las interpreta á su capricho, todas ellas aceptan en el fondo la posibilidad física del engaño por medio de la aguja inmantada. En rigor, lo que sostienen esos marinos es que ese engaño requería condiciones atmosféricas excepcionales, pero no utópicas. Vignaud, obsesionado por su afán detractor, no ha sabido tomarlas en consideración; ellas consisten en que la noche á que Colon se refiere hubiese sido muy larga, el cielo muy nublado, el viento muy favorable, circunstancias frecuentes de octubre á enero entre Cerdeña y Túnez” (13).

Por outro lado, os ases espanhóis do *Colombismo*, como Altolaguirre y Duvale, A. Ballesteros Beretta e alguns mais, aceitam aquêles episódio como absolutamente verídico e comprovado.

“Altolaguirre, el año 1892, ya acertaba con la fecha fundado en los textos de Zurita y García de Santa María. El discutido pasaje de la carta de Colón sucedía en 1472...”. “Hoy ya no puede dudarse de ello y las referencias abundan” (14).

“Ulloa, tan desvariado cuando se trata de la oriundez de Colón, discurre e con tino al examinar el pasaje del rey Reynel. Reconozcamos que su interpretación es interesada, pues tiende a presentar a Colón como un catalán rebelde a Juan II, y defensor, por lo tanto, de la causa de Renato de Anjou, identificada con la de la Cataluña rebelde. Pero su tendencia no quita fuerza a sus argumentos, que por sí solos la tienen. Alega con razón que en el asunto no se hallan implicados el deseo de Hernando de ocultar la nacionalidad verdadera de Colón, ni el afán nobiliario ni el origen plebeyo del Almirante.

(13). — Luís Ulloa, *op. cit.*, págs. 268-269.

(14). — A. Ballesteros Beretta, *op. cit.*, vol. I, cap. III, pág. 240.

No hay, pues, intencionalidad alguna. En consecuencia, debemos fiarnos sin recelo de lo que nos trasmite Hernando" (15).

Exprimindo-se assim, não têm os mesmos Colombistas qualquer pêjo em identificar Cristóbal Colon com o Cristóforo Colombo mencionado como *lanério* num documento genovês de 1472! Vejamos, porém, como as ilusões dêstes historiadores se desfazem contra os argumentos bem fundados de Luis Ulloa. Diz êste (16):

"No se ve, pues, motivo alguno para recusar brutalmente sin más examen, la versión del fragmento de carta dado por la *Historie* y Las Casas. Allí no hay una palabra sobre el nacimiento ó patria del gran marino, ni sobre sus orígens, ni sobre su primacia como descubridor, únicos puntos en los cuales se podría comprender que hubiese habido interés en él ó en su hijo para inventar el relato, ó mala fé en alguien para falsificar los apuntes y notas de Don Fernando que han servido de base á las *Histoire*. Suponer lo contrario, no es ya hacer crítica histórica sino entorpecerla.

"Lo que se ve, en cambio, muy claramente, es el môvil á que obedecen los autores que acusan de falso aquel hecho. En vano se ha compulsado hace siglos una y mil veces, minuciosamente y con tenaz empeño, los archivos de Génova, de Savona y de toda Italia; en vano se ha aceptado como irrefutables los documentos más apócrifos, elaborados en beneficio de la causa genovesa; todo ha sido inútil. Si el citado relato es cierto, si Colon estuvo un tiempo á servicio de René de Anjou, el descubridor de América no pudo ser de ningún modo el lanero genovês: la cronología demuestra, sólida é indiscutiblemente, que el tejedor Cristoforo Colombo seguía tejiendo lana entre 1467 e 1473, única época en que el hecho referido pudo e debió realizarse.

"Hay algo más todavía. Ni en Génova, ni en toda Italia, ha sido posible encontrar un solo Colombo, aunque no se llamase Cristoforo, que hubiese estado al servicio de René de Anjou, ó en contacto con êste, siquiera un momento. La imposibilidad es absoluta: no existe medio alguno de vincular un Colombo italiano con el pretendiente provenzal al trono de Sicilia. La tendenciosa recusación genovista del relato de las *Historie* se explica, por conseguinte, á maravilla".

O que aqui fica exposto mostra bem onde se devia ter buscado a verdade sôbre a origem, nascimento e mocidade de Cristóbal Colon. O livro de Fernando Colon contém todos os elementos essenciais para se determinar e comprovar a identidade do grande navegador. Dona Isabel de Noronha, mulher de Casenove Coullon e mãe de Cristóbal e Bartolomeu Colon, representa a incógnita de um problema histórico só agora resolvido.

(15). — *Ibidem*, págs. 242-243.

(16). — *Op. cit.*, págs. 269-270.

No livro do sábio major Santos Ferreira e de Ferreira de Serpa, intitulado *Salvador Gonsalves Zarco (Cristóbal Colon)* (17), encontramos os fundamentos para uma hipótese a que demos curso em dois trabalhos nossos já publicados. Essa hipótese foi então formulada nos seguintes termos:

“Una neta de João Gonçalves Zarco, primeiro capitão donatário do Funchal, entretém idílio amoroso com o infante D. Fernando, filho do rei D. Duarte e irmão do rei D. Afonso V; entrega-se-lhe e acontece-lhe o que costuma acontecer nestes casos; os pais depressa se inteiram do mal que lhes caiu em casa e, para evitarem o escândalo e a conseqüente vergonha, enviam a filha para Gênova, onde algum dos genoveses estabelecidos em Lisboa ou no Funchal lhe teria arranjado alojamento em casa de família própria ou amiga.

“Em Gênova nasce então aquêle que se chamou Salvador Gonçalves Zarco e mais tarde, para esconder a sua personalidade e, com ela, faltas graves do passado, Cristóbal Colon; tempos depois é a mãe obrigada a aceitar um casamento de conveniência e dêste, nascem-lhe os filhos Bartolomeu e Diogo, que, tal como seu irmão mais velho, tinham igualmente direito a usar os apelidos que por sua mãe lhes provinham, tanto podendo ser *Zarco Colon* como só *Zarco* ou *Colon*. Mas apresentando-se em Espanha como irmãos de Cristóbal, seria de tôda a conveniência para êste que se apelidassem como êle, pois isso só ajudaria a adensar o mistério em que se envolveu e a que a nenhum dêles conviria desvendar.

“Por conseguinte, seriam os três filhos duma neta de João Gonçalves Zarco, da mulher do qual, Constança Rodrigues de Sá, filha de Rodrigo Anes de Sá e de Cecília Colonna, lhes provinha o apelido Colon, que adotaram pela relação existente entre o ponto e virgula dos antigos gramáticos hispano-latinos, *Colon*, e o seu equivalente hebráico, *Zarco*”.

Ora o que tínhamos até aqui como hipótese racional e plausível, é agora uma verdade indubitável. Com esta verdade se explica tudo o que, sôbre o período mais nebuloso da vida de Cristóbal Colon, ninguém, até hoje, conseguiu explicar satisfatoriamente.

Cristóbal e Bartolomeu Colon, ambos filhos de Dona Isabel de Noronha, chamavam-se verdadeiramente Salvador e João. O segundo teria sido conhecido em Portugal pelo nome de *Janinfante*, mas êste, no dizer do autor das *Lendas da Índia*, era estrangeiro.

E, com efeito, a Bartolomeu Colon não cabe outra nacionalidade senão a de seu pai, que era francês.

* * *

Dissemos antes que o nome Xpōbal Colon — já assim grafado, em 20 de março de 1488, na citada carta de D. João II — corresponde às assinaturas com que o glorioso nauta firmou muitos dos seus autógrafos até hoje conservados. A rigor dever-se-ia dizer que aquêlê nome corresponde à assinatura oficial do navegador, ou seja à que figura nos seus autógrafos de mais formalidade.

Na locução Xpō *ferens*, que, como assinatura, remata tais autógrafos, pôde ver-se representado o nome oficial do Almirante, aquêlê com que D. João II, os Reis Católicos e o Sumo Pontífice o designavam — *Cristóbal Colon*.

Isto parece-nos claro como água cristalina, pois, se a um nome oficial tem de corresponder uma assinatura oficial, há que ver em Xpō *ferens* a representação de *Cristóbal* e no *ponto e vírgula* (porque aquêlê *ponto e traço oblíquo* não é outra coisa) a representação de *Colon*.

*

Em artigo por nós anteriormente publicado na revista *Nep-tuno* (18), sob a epígrafe *A mãe de Cristóbal Colon era portuguesa e neta de João Gonçalves Zarco*, dissemos:

“Sendo filho do infante D. Fernando e de uma neta de Zarco, podia Cristóbal Colon usar os variados apelidos que, por sua mãe, lhe provinham — Sá, Colonna, Zarco, Almeida, Câmara e Noronha — pois, ao que parece, nunca foi legitimado. No entanto, os Reis de Portugal e de Espanha, e o próprio Sumo Pontífice, chamavam-lhe *Colon*, masculinizando o apelido *Colonna* e seguindo o exemplo do navegador, que, com um simples ponto e vírgula (o *Colon imperfeyto* dos antigos gramáticos hispano-latinos, equivalente ao *Zarco* da escrita hebráica), relacionava os dois apelidos — *Zarco* e *Colonna* — pelos quais se poderia identificar”.

Há quem diga não ser um *ponto e vírgula* o *ponto e traço oblíquo* que remata a locução Xpō *ferens* nas assinaturas de Cristóbal Colon, e, em abôno desta opinião, invocam-se as variantes notadas em algumas outras firmas do navegador. Ora nós não contestamos a existência de tais variantes; o que temos verificado é que, afora os casos em que a referida locução aparece precedida de *dois pontos* (*Colon perfeyto*), cada uma dessas variantes raramente se repete em outros escritos do mesmo punho. São, portanto, exceções à regra, a qual se determina pela multiplicidade incomparável de um mesmo exemplo.

Faremos notar que, neste estudo, nos ocupamos sòmente da assinatura oficial de Cristóbal Colon e não das que êle se servia

(18). — Órgão do Sindicato dos Capitães, Officiais Náuticos e Comissários da Marinha Mercante Portuguesa.

em escritos de somenos importância. Nestes firmava-se o navegador com a forma singela de Xpōferens ou com a sigla componente da sua assinatura oficial e *El Almirante* em vez da locução costumada.

Posto isto, e reportando-se ao assunto anterior, afirmamos que, na escrita da época de Cristóbal Colon, a vírgula era representada por um traço oblíquo. A prova desta asserção patenteia-se em muitíssimos manuscritos daquele tempo e até nos próprios autógrafos do navegador (em que se vêem vírgulas simples e dobradas), cabendo, por conseguinte, concluir que, se Xpō ferens corresponde a *Cristóbal*, o ponto e vírgula corresponde a *Colon*.

Reparece-se em que dizemos *Cristóbal* e não *Cristóvão*. E' que *Cristóbal* é o equivalente castelhano de *Cristóvão* e *Cristóforo*, mas,

“na linguagem da primitiva igreja judeo-cristã das Espanhas”, designava “tão somente, a própria pessoa do Salvador” — “Cristo-senhor” (19).

Em outro dos nossos escritos já publicados formulamos a seguinte observação:

“Se o nome do navegador fôsse realmente *Cristóforo*, veríamos sobre o helmo do brasão nobiliárquico reproduzido por Gonzalo Fernandez de Oviedo na sua *História General y Natural de las Indias* (Tomo I), a imagem de Jesús menino com o mundo na mão.

“Um timbre assim concebido levar-nos-ia, como é óbvio, a identificar o nome do Almirante como o de S. *Cristóforo* — o portador de Cristo. Mas sobre o dito helmo vemos somente o mundo de Jesús assente sobre uma rodilha, como que identificando o nome do seu portador com o do próprio filho de Deus — *Jesús* ou *Salvador!*”

O Almirante chamava-se, pois, *Salvador*, queiram ou não os que vêem nestes nossos trabalhos “*material de pura propaganda nacionalista, destituída* (sic) *de qualquer valor crítico*”. Esses, por muito que vozeiem o palavreado dos mitógrafos italianistas, seus mentores, não são ouvidos no Céu.

Mas reatemos o fio do nosso discurso e vejamos como se resolve definitivamente o problema suscitado pelo ponto e traço oblíquo com que Cristóbal Colon rematava a locução Xpō ferens da sua assinatura oficial. No livro, de nossa autoria, intitulado *D. João II e Cristóbal Colon* (20), mostramos como o famoso impressor Valentim Fernandes se propôs transmitir à posteridade o que sabia sobre a personalidade de Cristóbal Colon. A divisa tipográfica por êle adotada em 1496, inacessível, no seu verdadeiro significado, às gerações de quatro séculos, foi finalmente-

(19). — Cfr. Santos Ferreira, *op. cit.*, pág. 7.

(20). — Lisboa, 1951.

decifrada pelo sábio major G. L. Santos Ferreira. Hoje ninguém pode contestar o valor de tal divisa como documento de identificação do navegador.

Entre esta divisa tipográfica e o brasão nobiliárquico do Almirante reproduzido por Oviedo na sua *Historia General y Natural de las Indias* há inegável afinidade. Na primeira, e logo na parte superior da moldura alegórica que a enquadra temos um pombo como símbolo do nome por que o navegador também era conhecido — Colombo; e no quadro central, um leão coroado, apresentando um escudo de aparência monogramática, sobrepõe-se a um olho do qual escorrem cinco lágrimas dispostas em sanctor. Ora, no supracitado brasão de Cristóbal Colon, o leão do segundo quartel, também coroado, sobrepõe-se aos cinco ancorotes do último quartel, e estes, escusado será dizê-lo, estão, como as lágrimas, dispostos em aspa.

Lágrimas e âncoras dispostas em sanctor não é coisa que alguém jamais tivesse visto em brasões nobiliárquicos daqueles tempos. Se, como é obviamente intuitivo, umas e outras correspondem aos cinco besantes dos escudetes das armas de Portugal, as quais preenchem dois quartéis do brasão dos Noronhas, então temos aqui a origem da sua mútua e flagrante afinidade, porque os besantes — moedas, dinheiros — podem simbolizar a inquietação geradora de *esperanças e lágrimas*.

Valentim Fernandes, ciente da habilidade capciosa com que o nosso D. João II iludira os Reis Católicos, como se verifica pelas alegorias que emolduram a sua divisa tipográfica, não pôde silenciar o que sabia da alta ascendência e nacionalidade de Cristóbal Colon — o homem que tão estóica e fielmente secundou, em Castela, a política de expansão ultramarina daquele grande Rei português.

A sua mensagem reabilitadora da memória do excelso navegador, apresentada com a aparência de um distintivo pessoal, nunca despertou a curiosidade dos estudiosos contemporâneos. “Mas — repetindo aqui o que escrevemos no mencionado livro de nossa autoria — tal como modernamente o comandante Fontoura da Costa viu, no escudo da citada divisa, “um V com a abreviatura Fz ao meio”, o mesmo se poderia dar com outros na época em que o famoso impressor alemão a tornou pública e, por isso, teria este então passado a usar o patronímico *Fernandez*, não só para justificar tais modos de ver mas também para prevenir o efeito prejudicial de inoportunas curiosidades”.

Outra coisa não nos é permitido concluir quando verificamos que só a partir de 1501 este impressor marca os livros saídos dos seus prelos com o nome *Valentyn Fernandez*, pois nos de datas anteriores chegados aos nossos dias, como *Vita Christi* (1495), *História de Vespasiano* (1496) e *Regimento contra a pestenença*

(1496), sempre o mesmo impressor se nomeia *Valentino de Morávia*.

Cumpre, porém, chegar ao fim que nos propusemos e, para tanto, mais um passo do nosso citado livro aqui intercalamos (21):

“Naquilo que para Fontoura da Costa é *Fz*, abreviatura de *Fernandez*, e que para Santos Ferreira é *IZ*, iniciais de *Jeshuah* (Salvador) *Zarco*, patenteia-se, afinal, um intrigante mas significativo dilema: ou bem se toma por *Fz*, como faz o primeiro, e neste caso temos o patronímico indicador da ascendência imediata de Salvador *Zarco*; ou se toma por *IZ*, como faz o segundo, e então temos as iniciais do nome do navegador. Duma maneira ou doutra há incerteza quanto à primeira letra e certeza quanto à segunda, que é um *Z*; mas como com o significativo dos caracteres do listel acontece o contrário, uma coisa esclarece a outra. Com efeito, nas quatro letras *ISVW* esconde-se o nome *Jeshuah* (Salvador), conforme a lúcida demonstração do major Santos Ferreira; e no quinto elemento, aparentemente um *H*, esconde-se o apelido *Zarco*, formado por duas hastes verticais, a que corresponde o *Z* do monograma, e pelo *arco* bem definido e nessas hastes apoiado”.

Ora, as duas hastes verticais aqui mencionadas representam, a rigor e insofismavelmente, *duas Colunas* (*Colonnas*), e o *arco* está suspenso entre elas. Ao *H*, assim formado, cabe, portanto, a seguinte interpretação:

Colonnas — arco

ou, por concordância fonética:

Colonna — Zarco

E tão certa é esta nossa interpretação do *H* referido, que os dois apelidos nele disfarçados se apresentam, neste caso, pela ordem da sua antigüidade na ascendência paterna de Dona Isabel de Noronha, mãe de Cristóbal Colon.

O *H* inscrito no listel da divisa tipográfica de Valentim Fernandes tem, pois, função igual à do *ponto* e *vírgula* que remata a locução *Xpõ ferens* na assinatura oficial do Almirante. Ambos comportam os apelidos que permitem identificar a pessoa do navegador.

Para mais reforçar a justeza dêste nosso asserto, diremos que *dois pontos* e *ponto* e *vírgula* são sinais ortográficos de gradação conseqüente e relativa. Nos casos em que a locução *Xpõ ferens* se apresenta precedida de *dois pontos* e rematada com *ponto* e *traço oblíquo*, há que ver um bem imaginado e eloqüente contraste: *O Colon perfeyto* (*dois pontos*) está ali como contramarca abona-

(21). — *Op. cit.*, pág. 112.

tória do sinal oposto, que é, portanto, um *Colon imperfeito* (*ponto e vírgula*) e único elemento ortográfico em que, discreta e apropriadamente, o navegador podia cifrar os apelidos *Colonna* e *Zarco*.

Nenhumas dúvidas podem restar sôbre a inteireza da nossa razão quando se leia o seguinte passo do livro de Fernando Colon (22):

“Por consiguiente, le vino a propósito el sobrenombre de *Colon*, que él volvió a renovar, porque en griego quiere decir miembro, para que siendo su proprio nombre *Cristóbal* se supiese de quién era miembro, es a saber, de Cristo, por quién para *salud* de aquellas gentes habia de ser enviado. Y luego, si queremos reducir su nombre a la pronunciación latina, que es *Christoferens Colonus*, diremos que, así como se dice que *San Cristóbal* tuvo aquel nombre porque pasaba a Cristo por la profundidad de las aguas con tanto peligro, por lo cual fué llamado *Christophorus*, y así como llevaba y conducía a las gentes, que ninguna otra persona habria sido capaz de pasar, así el Almirante, que fué *Christophorus Colonus*, pidiendo a Cristo ayuda y que le protegiese en aquel peligro de su pasaje, *pasó él y sus ministros a fin de que aquellas indianas gentes fueran hechas colonos y moradores de la Iglésia triunfante de los cielos. Pues es de creer que muchas ánimas, de las cuales Satanás esperaba apoderarse, no habiendo quién las pasase por aquellas aguas del bautismo, fueron hechas por él colonos y moradores de la eterna gloria del paraíso*”.

Por aqui se vê que, se *Christophorus* é o portador de Cristo, *Christoferens* é o *Salvador* de “aquellas indianas gentes”, o que as leva a Deus. Por isso, se mostra Fernando Colon convencido de haver seu pai *sido elegido por Nuestro Señor para... que lo imitasse a El mismo*.

E’ isto uma necessária repetição do que já dissemos no livro nosso anteriormente citado, no qual também escrevemos: “se o apelido *Colon* indica que *Cristóbal* é membro de Cristo, isso só pode significar que *Cristóbal*, como variante do nome do Filho de Deus, equivale a *Jesús* e, portanto, a *Salvador*”.

Nada mais seria preciso para demonstrar a firmeza inabalável da nossa razão, mas ela é ainda corroborada pela força invencível de alguns outros argumentos. No *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (23), que temos presente, lê-se:

“*Cólon*, s. m. (do Gr. *Kólon*)... *Signal* orth. são dous pontos: — (t de gramm.). Membro de periodo, que se diz *perfeito* quando forma sentido inteiro: v. g. erquem-se os ladrões de noute, para roubarem mais a seu salvo: a primeira phrase é um *cólon perfeito*, a segunda

(22). — *Vida del Almirante Don Cristóbal Colón*, cap. I, pág. 29.

(23). — Edição de Lisboa, 1891.

um *cólon imperfeito*, porque sem a antecedente não se entenderia: uma proposição subordinada à principal é um *cólon imperfeito*”.

Ora, sabido como a pessoa de Cristo se identifica em espírito com o próprio Deus, *Christoferens* é o que leva a Deus ou para Deus. Mas leva a Deus o quê? — Leva a Deus “aquellas indianas gentes” para que “fueran hechas *colonus* y moradores de la Iglesia triunfante de los cielos”. Por conseguinte, há que ver em *Christoferens* um *cólon perfeito* e em *Colonus* um *cólon imperfeito*, pois que, em última análise, a palavra *colonus* sintetiza a segunda proposição do período antes enunciado.

Cabe, portanto, concluir que, sendo *Christoferens Colonus* a tradução latina de *Cristóbal Colon*, a êste nome e apelido se tem de aplicar o antecedente juízo. E aqui fica, pois, a lógica e irrefutável demonstração de que o *ponto* e *traço oblíquo* que remata a locução *Xpō ferens* na assinatura oficial do navegador se tem de encarar e interpretar como um *cólon imperfeito*.

Contra êstes argumentos não há sofisma que prevaleça. *Vírgula*, como vocábulo latino, é sinónimo de *varinha*, e com varinhas representavam os nossos antepassados as vírgulas da sua escrita. *Colon perfeyto* chamavam êles aos *dois pontos* (:), e *colon imperfeyto* ao *ponto* e *vírgula* (um ponto e uma varinha).

Se, como fêz o segundo filho do navegador, consideramos o apelido *Colon* como equivalente do grego *kôlon*, que, por via latina, se desdobrou nos vocábulos portugueses *cólon* e *colo*, e que traduz idéia de conexão sigmóide entre partes complementares de um mesmo corpo, tê-lo-emos presente como versão figurativa de “*zarcó*” — sinal ortográfico da escrita hebráica, com forma de ω , a que corresponde o *ponto* e *vírgula* da nossa escrita.

Entre o apelido *Colon* e o *H* do listel da divisa tipográfica de Valentim Fernandes há, pois, inegável reciprocidade. *Colon*, como abreviatura apocópica de *Colonna*, é termo defectivo e intraduzível. E’ grossa tolice ver nele a castelhanização de Colombo, quando sabemos que o filho do navegador o tomou nas acepções de *membro* e de *colono*, depois de haver mencionado *Colombo* e *Paloma* como palavras correspondentes entre si.

Assim se explica cabal e definitivamente o fato de nas credenciais redigidas em latim e levadas pelo navegador na sua primeira viagem espanhola às *Índias*, se ter grafado *Xpōforus Colon* e não *Xpōforum Columbus*. Assim se explica também a repetição da mesma grafia nas Bulas em que o Papa Alexandre VI sancionou o direito de posse dos Reis Católicos às ilhas e terras occidentais real e supostamente abordadas por Cristóbal Colon na referida viagem.

*

Faremos notar que na primeira versão italiana do livro de Fernando Colon, assim como em tôdas as outras que se lhe seguiram,

não se lê *Christoferens* mas sim *Christophorus*. Esta grafia, porém, não pode ser a do perdido original castelhano, pois Fernando Colon, neste caso especial, não latinizaria o nome *Cristóbal* diferentemente de seu pai, que sempre escreveu *Xpöferens* ou *Xpö ferens*.

Quanto à diversidade de tais grafias aqui repetimos ainda um outro passo do citado livro de nossa autoria (24):

“Já se viu quais são os verdadeiros significados de *Xpoforus* e de *Xpofereus*, mas vamos mostrar que esta última grafia, quando separada em duas palavras, como em *Xpo Ferens*, denuncia também e sem sombra de dúvida, o nome e a ascendência imediata do navegador. Com efeito, ninguém pretenderá ver em *Xpo* um significado diferente de *Salvador*, porque *Xpo (Ungido)* designa a própria pessoa do *Salvador*; mas o Almirante, que, não sendo *Xpo*, se chamava, no entanto, *Salvador*, distinguir-se-ia do Divino Filho de Deus pospondo a *Xpo* o criptograma correspondente ao respectivo patronímico e, assim, a grafia *Ferens*, quando considerada isoladamente, equivale lógica e visivelmente a *Frz*, forma abreviada de *Fernandez*, como então se usava”.

Poderíamos ficar por aqui se não entendêssemos ser nosso dever deixar bem comprovado o que antes dissemos do impressor Valentim Fernandes e do propósito, em que êle se empenhou, de revelar aos vindouros a ascendência portuguesa de Cristóbal Colon. Por tal motivo, passamos a transcrever mais um trecho do nosso referido livro, no qual se intercala uma história de expressivo significado:

“Talvez nunca seja possível saber ao certo qual o compromisso assumido por D. João II perante Cristóbal Colon, porque, qualquer que fôsse, jamais foi cumprido. O grande *Príncipe Perfeito* finara-se prematuramente em outubro de 1495; em abril de 1496, estampava Valentim Fernandes, pela primeira vez, a enigmática divisa na sua edição da *História de Vespasiano*; e em junho de 1496, apenas chegado a Cadiz, de volta da sua segunda viagem, Cristóbal Colón trocava os trajes de “grande de Espanha” pelo hábito modestíssimo de menorita franciscano, o qual, salvo talvez em algumas raras ocasiões, nunca mais deixou até morrer, como se com aquêl monarca tivesse também desaparecido a esperança que o animava! Isto basta, por si só, para comprovar o acerto da interpretação dada pelo major Santos Ferreira à citada divisa de Valentim Fernandes. Ele é que acertou, porque o leão coroado determina uma ascendência régia que não é a do célebre impressor. Além disso, o V do escudo é nitidamente formado pela convergência das pontas de dois espinhos; e as lágrimas, que caíam do olho desenhado por baixo do listel, são cinco e estão dispostas em aspa, como os cinco *ancorotes* com que Cristóbal Colon subs-

(24). — *Op. cit.*, pág. 109.

... e para que se saiba a sua verdadeira natureza
e a de todos os seus y a respeito de...
... e a de todos os seus y a respeito de...

.S.

S.A.S.

X M Y

Xpo FERENS/

Clay

... e a de todos os seus y a respeito de...

Clay

... e a de todos os seus y a respeito de...

.S.
S.A.S.
X M Y

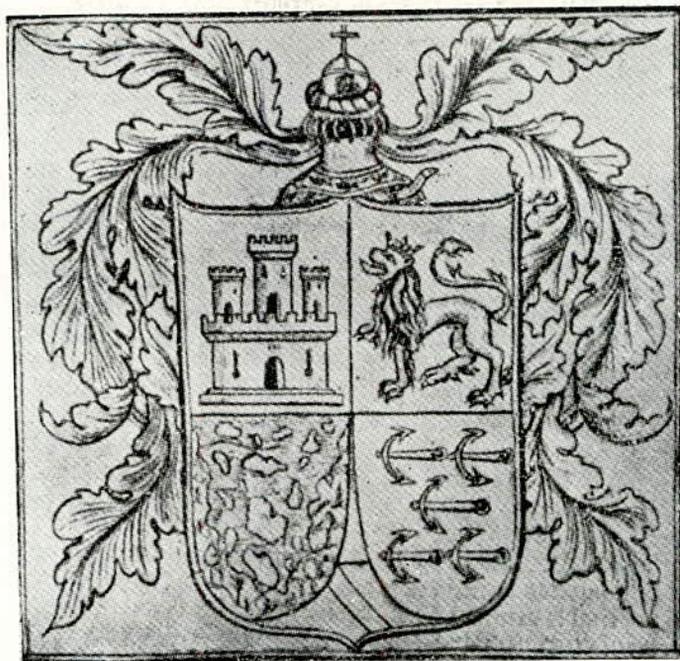
Xpo FERENS/

... e a de todos os seus y a respeito de...

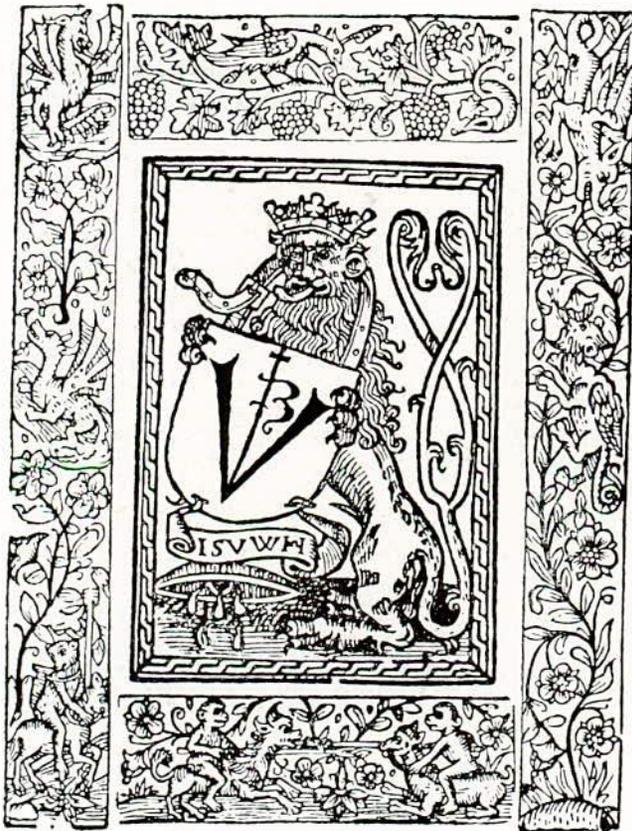
.S.
S.A.S.
X M Y

Xpo FERENS/

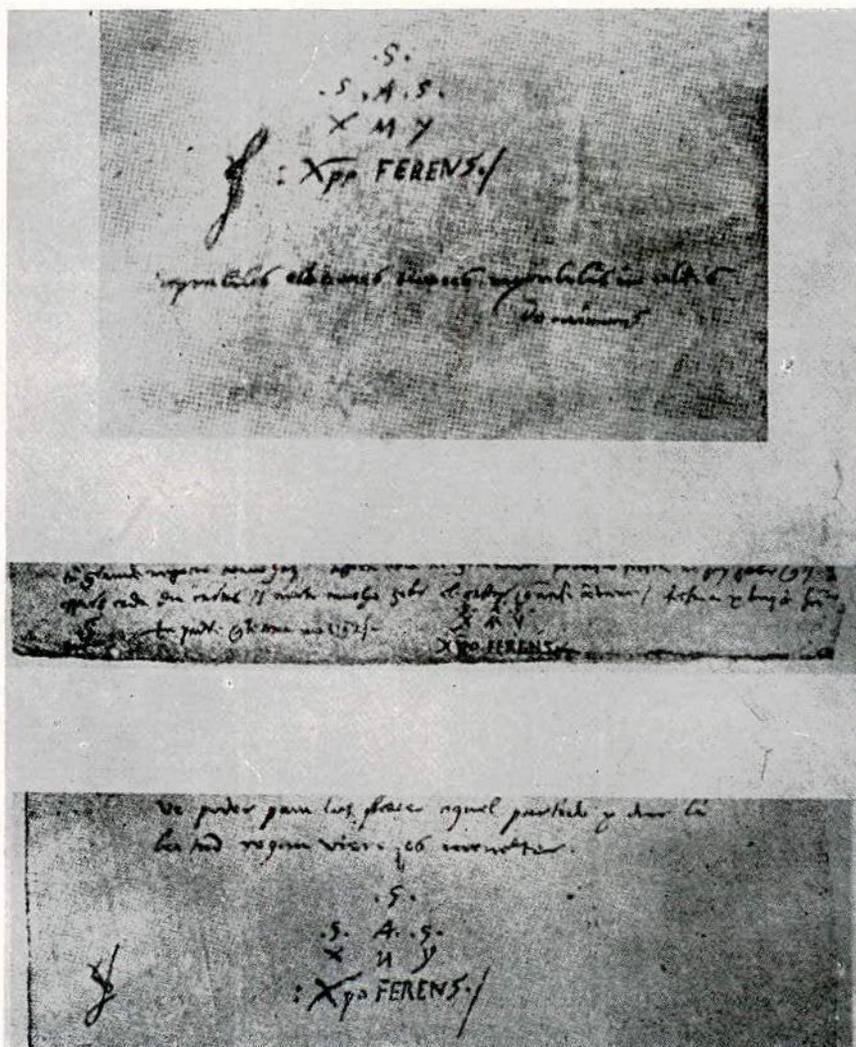
FINAIS DE AUTOGRAFOS COLONINOS
REMATADOS COM A FIRMA OFICIAL DO NAVEGADOR



BRASÃO NOBILIÁRQUICO DE CRISTÓBAL COLÓN. REPRODUZIDO
POR GONZALO FERNANDEZ DE OVIEDO NA PARTE DA SUA
HISTORIA GENERAL Y NATURAL DE INDIAS
PUBLICADA EM 1535



DIVISA TIPOGRÁFICA DE VALENTIM FERNANDES



A FIRMA OFICIAL DE CRISTÓBAL COLON
NO FECHO DE TRES OUTROS AUTOGRAFOS DESTA NAVEGADOR

tituiu os mesmos besantes no quarto quartel das novas armas a êle outorgadas pelos Reis Católicos.

“Cumpre advertir que nas armas dos Monizes, e, conseqüentemente, nas de Filipa Moniz, figuravam cinco estrelas douradas sôbre campo azul e também dispostas em santor, como os cinco ancorotes do escudo de Cristóbal Colon; mas as estrelas são astros fixos, ao passo que as âncoras se desprendem dos olhos abertos nas proas dos navios como lágrimas dos olhos chorosos de pessoa amargurada.

.....
“E’ verdade que tal divisa se relaciona, por idêntico monograma, com o sinal de tabelião público de Valentim Fernandes (25), mas também é certo que êste sinal constitui um outro enigma ainda não decifrado, exatamente como o da história das *três colunas* achadas na Praia das Maças, cuja divulgação, se não autoria, parece dever-se ao mesmo Valentim Fernandes, pois só por êle ou pela sua carta de 16 de agosto de 1506, ao Dr. Conrado Peutingger, de Augsburg, essa fábula se transmitiu aos historiadores que dela se ocuparam (26).

“Se, como fica demonstrado, Valentim Fernandes se propôs revelar o segredo da paternidade de Cristóbal Colon, necessário se torna buscar nos seus escritos tudo quanto possa relacionar-se com o imortal navegador. Ora no citado sinal de tabelião público vêem-se os três lados de um triângulo enlaçados por uma fita com o distico *Frz Vale tyn*; o triângulo assenta um dos lados sôbre um traço horizontal e é encimado por dois espinhos com as pontas convergindo em V, a meio do qual se ergue um monograma como o que se vê no escudo da divisa tipográfica e que o major Santos Ferreira diz ser formado por um I e um Z (góticos), iniciais de Jeshuah (Salvador) Zarco. Por conseguinte, há neste sinal algo a deslindar por quem quer que, possuindo a capacidade do major Santos Ferreira, se dedique à decifração de enigmas intrincados.

“E quanto à fábula das *três colunas* de pedra, também citada, seria pecado não a transcrever aqui, pois ela, lembrando, pelo número das colunas e analogia desta especificação, os *três irmãos Colons* ou *Colonnas*, parece constituir a síntese alegórica do que a êstes se prometeu e não se cumpriu. Eis como Valentim Fernandes a relata:

“No ano do nascimento de Cristo de 1505, no dia 9 de agosto, reinando D. Manuel, excellentissimo rei de Portugal, quase no décimo ano do seu reinado, *nas terras extremas dos confins da Espanha*, para o lado do oci-

(25). — Por carta régia de 21 de fevereiro de 1503, foi Valentim Fernandes nomeado *corretor e tabelião público* dos mercadores alemães residentes em Lisboa (Torre do Tombo: Chanc. de D. Manuel, Liv. 35, Fol. 53). E’ neste documento que se encontra o curioso e enigmático *sinal público* por êle adotado, o qual também se pode ver, reproduzido em *fac-simile*, no livro de Fontoura da Costa, *Cartas das ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes*, Lisboa, 1939, entre págs. 22 e 23.

(26). — Pedro Apiano, *Inscriptiones Sacrosanctoe Vetustatis...*, Ingolstadii, 1934; e Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento & Conquista da Índia*, Lisboa, 1733, 3a. edição, Coimbra, 1924. (Cfr. Fontoura da Costa, *ob. cit.*, pág. 89).

dente, na extremidade do promontório da Lua (*Serra de Sintra*) a que o vulgo chama Roca de Sintra [Cabo da Roca] à beira da praia do oceano, inesperadamente foram encontradas, debaixo da terra, *três colunas* de pedra, de forma quadrada, tendo gravados, desde tempos antigos, alguns caracteres *romanos* apenas em uma das faces, cuja base, mudada a ordem natural, se elevava como capitel e cujo capitel vimos fixado propositadamente, ao que parecia, como se fôsse a base. Arrancadas a ferro e com cuidado, dentre os tijolos e pedras duras com que se fixavam por baixo as admiráveis colunas acima referidas, então notamos perfeitamente *em uma delas*, já voltada diretamente, estas figuras seguintes, não nos sendo possível decifrar com clareza as letras das outras porque, com a antiguidade do tempo e o desgaste do mar e das chuvas, estavam quase apagadas:

“PROFICIA DA SIBILA OCIDENTAL
DECRETADA PELOS DEUSES ETERNOS. VOLVER-SE-ÃO
AS PEDRAS À SUA DISPOSIÇÃO NATURAL
E RETA ORDEM DAS LETRAS
QUANDO O OCIDENTE VIR AS RIQUEZAS DO ORIENTE
E O GANGES, O INDO E O TEJO,
O QUE SERA’ DE GRANDE ADMIRAÇÃO,
TROCAREM-SE ENTRE SI AS
SUAS MERCADORIAS
AO SOL ETERNO E A LUA CONSAGRADO

“Resolvi enviar-vos isto, egrégio doutor, como cousa digna de se ver: porém as palavras notadas acima não são minhas mas do supremo secretário do rei que, na presença do mesmo rei, as decifrou da coluna pelo melhor modo que pôde” (27).

“Uma tal história foi certamente inventada com um fim determinado, e este não terá sido outro senão o que a razão nos sugere. Se os capitéis das colunas estavam revestidos de tijolos e pedras duars, dentre o que foi necessário arrancá-las “a ferro e com cuidado”, como poderiam duas delas apresentar as letras desgastadas pelo mar e pelas chuvas?! — Não simbolizam estas *colunas* os três irmãos *Colonnas*, dos quais Cristóbal era a figura proeminente e destacada?

“Eis aí um caso que parece apontar o caminho de mais vastos esclarecimentos: situa-se na Praia da Maçãs ou, o mesmo é dizer, na freguesia de Colares, cuja igreja foi sagrada, em 1528, pelo bispo D. Cristovam Moniz, filho de Bartolomeu Perestrelo (o segundo dêste nome) e primo co-irmão do filho primogênito de Cristóbal Colon, pelo qual lhe foi estabelecida uma tença anual e vitalícia. Cabe perguntar se não terá sido a freguesia de Colares o lugar de nascimento e criação da mãe de Cristóbal Colon”.

Na ocasião em que emitimos as precedentes considerações pareceu-nos, momentaneamente, dever situar-se no termo de *Colares*

(27). — In *ob. cit.* de Fontoura da Costa, págs. 87 e 88. A cópia da carta original, em latim, pertence a um *Códice* da Biblioteca de Stuttgart.

o lugar de proveniência dos irmãos *Colonnas*, porque, afinal, nenhuma outra ilação aquela história nos sugere. Todavia, e por tudo o que sabemos dos Colons, não podíamos admitir que estes tivessem nascido ali. Haveria, obviamente, que buscar uma resposta satisfatória para a questão assim posta, mas, francamente, não víamos possibilidade de alguma vez a encontrar. O tempo passava e nós não cessávamos de nos perguntar o motivo que teria levado Valentim Fernandes ou quem quer que engendrou a história das três colunas, a situar o achado destas no termo de Colares. Até que, de repente, se patenteou ao nosso discernimento esta idéia luminosa: *colares* são atributos de *colo*, e *colo* é forma apocopada de *colón*. A palavra *Colón*, por si só, em nada nos elucida; mas se a trocamos por *Zarco*, então teremos de admitir que o termo de *Colares* só figura no entrecho da história citada como expressão alegórica de maternidade, pois que de uma *Zarco* nasceram os três irmãos *Colonnas*.

Uma particularidade em que se deve atentar: as *três colunas* eram de *forma quadrada*, com *alguns caracteres romanos apenas em uma das faces*, o que, obviamente, alude às quatro gerações de ascendentes mais próximos dos três irmãos *Colonna-Zarco*. A primeira face corresponde a Rodrigo Anes de Sá e Dona Cecília Colonna (*senhora romana*); a segunda a Dona Constança Rodrigues e João Gonçalves Zarco; a terceira a João Gonçalves da Câmara e Dona Maria de Noronha; e a quarta de Dona Isabel de Noronha.

E, finalmente, para que se note como os espíritos mais íntegros se têm deixado iludir pelos mitógrafos Colombistas, vejamos as seguintes considerações do nosso almirante Gago Coutinho (28) — o grande português em que revemos as virtudes mais altas da nossa grei:

“Colombo e os seus companheiros só podiam, pois, acreditar ter abordado a uma vasta e prometedora terra virgem, susceptível — como o não era a Ásia — de ser ocupada e civilizada pelos Europeus, e para a qual nunca é demais repetir que não se deveria “con harta injusticia e impropriedad” ter preferido o nome de “América” ao de “Colômbia”.

Pois nós, com o profundo respeito devido à distinta personalidade do nosso almirante Gago Coutinho, mas fundados no passo antes transcrito do livro de Fernando Colon, ousamos contrapor o nome de *Colônia* ao de *Colômbia* como único justo e acertado.

Aquelas palavras de Fernando Colon sugerem a denominação de *Colônia* como a mais apropriada para o Novo Mundo. E,

(28). — *Náutica dos Descobrimientos*, vol. I, Lisboa, 1951, pág. 298.

na verdade, nenhum outro nome assentaria melhor ao mundo que teve a figura excelsa e nobilíssima de *Cristóbal Colon* como seu primeiro colono.

Assim estaremos de acôrdo com Frei Bartolomeu de Las Casas — homem de espírito voluntarioso e apaixonado mas generoso e incorruptível — o qual escreveu (29):

Tuvo por sobrenombre *Cólon*, que quiere decir *poblador de nuevo*, el cual sobrenombre le convino en quanto por su industria y trabajos fué causa que descubriendo a estas gentes, infinitas ánimas dellas, mediante la predicación del Evangelho y administración de los eclesiásticos sacramentos, hayan ido y vayan cada día o poblar de nuevo aquella triunfante ciudad del cielo. También le convino, porque de España trujo el primero gente (si ella fuera cual debía ser) para hacer colonias, que son nuevas poblaciones traídas de fuera, que puestas y asentadas entre los naturales habitantes destas vastísimas tierras, constituyeran una nueva, fortíssima, amplísima e ilustrísima cristiana Iglesia y felice república”.

ALEXANDRE GÁSPAR DA NAIA

(29). — *Historia de las Indias*, tomo I, liv. I, cap. II, págs. 28 e 29.